

As representações acerca de Sant'Ana, seus fiéis e sua cidade.

Magna Rafaela Gomes de Araújo

Graduanda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as representações de Sant'Ana, padroeira da cidade de Caicó - RN e considerada a Rainha do Seridó, a partir dos registros jornalísticos da *Tribuna do Norte* na década de 1980. Neste período, a festa de Sant'Ana de Caicó ocupou um significativo espaço nos informativos sobre a religiosidade do povo potiguar que circularam na cidade de Natal - RN, dividindo espaço, principalmente, com a festa de Nossa Senhora dos Navegantes e dos Santos Reis, ambas manifestações ocorrem na capital do Estado. Tais textos criaram padrões e expectativas midiáticas sobre a festa que atuaram entre os leitores natalenses. Observando as reportagens, podemos perceber que as representações acerca desta santa e da cidade foram principalmente permeadas por identificações que seguem uma única via de compreensão, repetindo e reforçando a força da fé do devoto de Sant'Ana, a relação da santa com a história, a memória, a identidade da cidade e do povo caicoense; a importância e o cuidado com a imagem da santa que é utilizada como veículo de aproximação do fiel ao sagrado, entre outros relatos. Neste trabalho, as reportagens serão confrontadas/complementadas com o relatório de pesquisa e entrevista concedida pelo Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, durante a realização do projeto "Visualidade e religiosidade: o sagrado e os sistemas visuais nos espaços religiosos potiguares"; orientado pelo professor Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior. Objetivamos identificar que características são atribuídas à Sant'Ana, e são tomadas como de importância para a permanência do poder religioso da mesma, e conseqüentemente, a devoção de toda a cidade, percebendo as contribuições mútuas entre o poder público/privado e a Igreja Católica no contexto em questão.

Palavras Chaves: Sant'Ana, Imagem, Caicó.

Introdução

Os relatos históricos que preservam informações sobre a fundação da cidade de Caicó são vários, segundo diferentes interpretações sobre o município, algumas delas informam que a fundação da mesma se deu no ano de 1687 com a construção da casa Forte do Cuó pelo coronel Antônio de Albuquerque da Câmara, representando a primeira iniciativa de construção de moradia e de fixação do homem branco naquela região. Outras correntes informam que mais precisamente no ano de 1735, teria ocorrido um povoamento, localizado na Fazenda Penedo, interpretado como a origem da Vila Nova do Príncipe, região a partir de onde a cidade de Caicó teria sido desenvolvida.

Discursos históricos acerca da cidade de Caicó¹ afirmam que o município situado no interior do estado do Rio Grande do Norte, é considerado a principal cidade da região Seridó, no que diz respeito a economia, a religiosidade e a política daquela região, e enquanto aglutinadora das principais expressões culturais e de maior visibilidade no estado, sendo por isso historicamente chamada pelos caicoenses, de cidade “*Rainha do Seridó*”.

O povoamento de Caicó começou e se intensificou nos séculos XVII e XVIII, a partir da introdução de famílias com origem portuguesa vindas das regiões da Paraíba e de Pernambuco, que se estabeleceram no interior do atual estado do Rio Grande do Norte dizimando as tribos indígenas, cariris e caicós, que habitavam a região. Conquistado o espaço, os colonizadores começaram a desenvolver a criação de gado e posteriormente da cotonicultura e a viver em construções denominadas currais².

O início da ocupação do homem branco na cidade de Caicó conta com explicações que envolvem elementos profanos e sagrados, constituindo as lendas de fundação da mesma. Conta-se que um vaqueiro (representa o colonizador) de Jardim de Piranhas, município próximo a Caicó, foi à procura de um touro (representa os índios) de sua propriedade que havia fugido.

O animal foi encontrado em uma mata, onde hoje fica Caicó. O touro enraivecido teria ameaçado matar o vaqueiro e, no momento de aflição, aquele teria pedido a interseção de Sant’Ana para livrá-lo daquela situação e, como pagamento do auxílio prestado pela santa, prometia erguer uma capela no local em que o touro parasse de persegui-lo. Como sua prece fora ouvida e atendida, ele construiu uma capela no local em homenagem à Sant’Ana, representando o primeiro templo religioso da localidade.

¹ Em 1748 Caicó era chamada de Povoado do Seridó, em 1788 o povoado passou a ser Vila Nova do Príncipe por ordem do Capitão Geral de Pernambuco, Dom Tomaz José de Melo. Em 1868 ela passou de Vila para Cidade do Príncipe por ordem do Governador da Província, Manuel José Marinho. Em 1890 passou a ser chamada Seridó, cinco meses depois, alteraram o nome da cidade para Caicó.

² Segundo Horário de Almeida, curral designava o núcleo de uma fazenda de gado, formada por uma casa e cercado de ramagem, próximo de algum tipo ou meio de abastecimento de água.

Outra versão³, com conteúdo parecido conta que existia uma mata virgem próximo ao rio Seridó e que ai vivia uma tribo indígena, os Caiacós. Eles achavam que eram invencíveis, porque perto de onde habitavam, existia um mufumbal, habitado por um touro bravo que era a encarnação de Tupã.

Depois de certo tempo a tribo foi destroçada, apenas o mufumbal ficou livre desse destino, e nesse local o touro continuou habitando. Quando transformaram o sertão em local de pasto, um vaqueiro que morava próximo acabou entrando no tal mufumbal e foi atacado pelo touro. Correndo perigo, o vaqueiro decidiu pedir a graça de Sant'Ana para livrá-lo daquela situação, prometendo uma capela caso sua prece fosse atendida. Rapidamente o touro desapareceu, o vaqueiro limpou a mata e começou a construção da capela.

O problema é que era ano de seca, e a água que existia em um poço da região que bebia no rio Seridó estava quase no fim. O vaqueiro fez um novo pedido à santa, para que a água não acabasse. Novamente ele foi atendido e o poço nunca secou. Diz a lenda que o espírito de Tupã se abrigou no local em forma de serpente e este animal tem a sina de destruir a cidade, mas somente se a água secar ou se chegarem a altura do altar-mor da Matriz de Caicó, onde está a imagem de Sant'Ana.

A primitiva capela da santa e que é associada à prometida pelo vaqueiro foi construída em 1695 próxima a casa Forte de Cuó, construção empreendida pelo comandante das tropas militares e seus ajudantes que combatiam índios rebelados naquela região. Segundo a tradição local era uma capela de modelo arquitetônico simples, sem grandes ostentações, envolta de pedras e cactos nativos. Funcionando até 1748, ano do início da construção da Matriz de Sant'Ana próximo a Vila do Príncipe, a partir desta data a igreja primitiva passou a pertencer a Nossa Senhora do Rosário, pelo menos até o ano de 1800 quando foi destruída pela ação do tempo.

Outras interpretações buscam desvendar e esclarecer as origens históricas da cidade. Itamar de Souza no livro "*Caicó*", informa que no estudo

³ Informações da reportagem "Caicó já começou sua maior festa, Santana". Tribuna do Norte, 26/07/1981.

produzido por Eymard L'Eraistre Monteiro⁴, este teria chegado a conclusão de que quem havia fundado a cidade foi o português Manoel de Souza Forte, o qual teria mandado edificar a capelinha e colocado uma imagem de Sant'Ana. Manoel Forte era proprietário de terras às margens do Rio Seridó, e em épocas de seca ele pedia à santa que não permitisse que o leito do rio secasse. Pela promessa atendida ele construiria uma capela em homenagem a santa. Por morar nessa região com sua família e escravos e ter mandado construir a capela, Manoel Forte é descrito por essa corrente como o fundador da cidade.

Uma segunda explicação dada por Dom José Adelino Dantas⁵ considera que o fundador do povoado teria sido na verdade Manoel Fernandes Jorge. Morador da freguesia, e descrito em um documento de registros de óbito guardado na paróquia de Sant'Ana, como o fundador e benfeitor da Matriz. Por essas realizações ele teria sido sepultado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja no arco da capela – mor, segundo documento assinado por José Antônio Caetano de Mesquita, cura da vila.

Dessa forma, a interseção de Sant'Ana vem fazendo parte da história de Caicó desde o início da povoação, segundo nos contam os relatos sobre as origens do município, em resposta e agradecimento pela graça alcançada, os caicoenses construíram uma capela e colocaram no nicho principal a imagem da santa, posteriormente construíram um novo templo, próximo a fazenda Penedo e que até hoje funciona como o grande centro religioso da cidade, para as práticas de devoção popular.

Atualmente grande parte dos caicoenses se proclamam filhos de Sant'Ana e são reconhecidos dessa forma pelos demais potiguares, fato que permite que os caicoenses sejam vistos e falados como um povo bastante devoto e que faz das homenagens a esta santa uma das maiores e mais movimentadas manifestações de apreço e devoção. Como afirmado anteriormente, a figura de Sant'Ana vem sendo envolvida pelos moradores de Caicó ao longo de sua história de uma forma intensa, o que possibilita que até

⁴ MONTEIRO, Eymard L'Eraistre. **Caicó** (subsídios para a história completa do município). Recife, Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

⁵ DANTAS, D. José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Garanhuns – PE, Gráfica do O Monitor, 1961.

hoje esse povo mantenha o costume de crer e de festejar grandiosamente o dia dessa padroeira, sendo um dos principais marcos identitários da população da cidade e que são reforçados nas reportagens que iremos tratar mais a frente.

O culto público de Sant'Ana ocorre, segundo Itamar de Souza, com a aprovação da Santa Sé, desde pelo menos o ano de 1378, momento em que o Papa Urbano VI permitiu esta devoção aos católicos da Inglaterra. Em 1548, Gregório XIII, confirmou essa aprovação e fixou a data 26 de julho como o dia de Sant'Ana. Leão XIII, em 1879 estendeu esse culto e data a toda a Igreja Católica. No oriente, segundo o estudioso a devoção é ainda mais antiga.

Esta devoção é fortalecida em Caicó pela crença de que a santa é o elo entre o fiel e Deus na conquista da proteção diária e para a salvação eterna. Ao longo deste artigo iremos perceber que a referida festa é produto de cruzamentos de elementos culturais do povo daquela região, que envolve conhecimentos e crenças religiosas lideradas pelos sacerdotes da Igreja Católica, e contando também com a participação dos integrantes da Irmandade Religiosa e dos devotos. Esses cruzamentos são a maneira como os caicoenses agradecem e pedem a proteção da santa.

A partir de então passarei a tratar das características e dos poderes que são atribuídos a Sant'Ana tanto pelos caicoenses quanto pela tradição católica, que justificam na visão dos fiéis e da igreja, o valor e a crença no poder da mesma.

O imaginário popular acerca de Sant'Ana.

Segundo a pesquisadora Maria Beatriz de Mello e Souza, a devoção a Sant'Ana no Brasil e na América portuguesa como um todo, provavelmente foi propagada pelos eclesiásticos no século XVIII. No Estado português a imitação do modelo de vida representada por Sant'Ana pelas mulheres era incentivada pelos representantes do poder, influenciando-as a serem devotas e educadoras, abrangendo seu papel como guia e mestra a toda família.

Um dos momentos mais importante na festa de Sant'Ana, é o ritual do *beija*, que ocorre no último domingo de festa, após a missa solene. A procissão de encerramento é a ocasião em que os devotos aproveitam para seguir o

cortejo pelas ruas e pagar promessas, momento também em que a imagem de Sant'Ana é levada pelos fiéis nas principais ruas da cidade, causando uma grande exposição da escultura para todos os participantes.

Antes de sair na procissão, a imagem da Sant'Ana é cuidadosamente ornamentada com flores naturais encomendadas no estado de São Paulo por uma família que há trinta anos vem se responsabilizando por essa tarefa, que consiste em arcar com os custos necessários e por trazer uma equipe de ornamentadores vindos da Paraíba.

O ritual do *beija* é formado pela veneração da imagem da santa, os devotos depositam suas oferendas e com um gesto de apreço e reverência eles beijam a própria mão e tocam a imagem, ritual que vem sendo praticado desde 1735, mais antigo do que a própria catedral que hoje abriga a imagem.

Depois da procissão e de volta à igreja os devotos novamente praticam o ritual do *beija* e há uma verdadeira disputa pelas flores que ornamentaram o andor naquele ano. A crença popular atribui às flores do andor um poder milagroso, alguns devotos fazem um chá, outros preferem guardar a flor como lembrança ou as mantêm intactas até o ano seguinte, há ainda os que conseguem apenas tocar o andor ou os pés da imagem.

Quem não consegue chegar perto do andor se contenta em tocar o ombro de quem o conseguiu, "*formando verdadeiros cordões humanos que emanam a partir da imagem, como se as bênçãos da santa fossem atravessando os corpos*" assim resumem os representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em sua sede no RN, na obra *Dossiê: Festa de Sant'Ana*, publicação que faz parte de um conjunto de materiais produzidos para compor a documentação de pedido de registro da festa de Sant'Ana como patrimônio imaterial brasileiro, e foi escolhida pelos representantes da instituição como a principal manifestação cultural da região do Seridó potiguar, que aglutina nos dias de festejo diversos aspectos culturais dos indivíduos dessa região.



Figura 1 O beija na catedral. FONTE: IPHAN, 2010, p. 65⁶.

Como esse é um ritual que ocorre apenas uma vez no ano e a carga simbólica atribuída a esse momento e ao poder da santa é bastante valorizada pelos devotos, a ocasião acaba envolvendo alguns riscos para a própria imagem, é por isso que a igreja organiza um esquema de segurança que consiste no enfileiramento de bancos na catedral formando um semicírculo ao redor da mesma, e três ou mais sacristãos ficam atento a qualquer instabilidade da escultura ou exagero dos fiéis.



Figura 2 O ritual do Beija. FONTE: IPHAN, 2010, p. 65.

Após o período de festa e pela grande exposição, frequentemente, foi preciso a realização de reparos ou restauros na igreja e na própria imagem, condição que levou a igreja a colocar a escultura dentro de um vidro para garantir a durabilidade da mesma, notadamente a partir do ano de 2010, quando a imagem da santa retornou de um processo de restauração especializado realizado por Hélio Oliveira.

⁶ Dossiê: Festa de Sant'Ana. IPHAN, 2010.

Tal medida acaba favorecendo e desfavorecendo diferentes aspectos desse ritual, de um lado essa é uma intervenção que pode ajudar na preservação da imagem, de outro, o não contato físico do fiel quebra com o poder mágico que aquele atribui ao toque e ao *beija*. Essa circunstância ativa transformações que podem gerar modificações na maneira do devoto cultuar a santa. São relações de preservações e mudanças que fazem parte dos mais diferentes processos culturais das diferentes sociedades.

Sobre as imagens de Sant'Ana que fazem parte do patrimônio da dita paróquia, é importante esclarecer algumas questões. A imagem principal está em Caicó desde 1811, não se sabe ao certo quem a esculpiu ou trouxe para a cidade. Algumas hipóteses foram formuladas, sendo a primeira de que foi o escultor Tomaz de Aquino que a criou. Outros dizem que foi o Padre Brito Guerra que a trouxe no século XIX vinda do Rio de Janeiro.

Segundo informações do IPHAN a imagem primitiva e que era cultuada desde o início do povoamento da cidade foi doada pelo cearense Luiz da Fonte Rangel, ela ficou no altar principal até 1823 quando foi substituída pela atual. A imagem primitiva foi leiloada e arrematada por uma família da região ficando em seu poder por volta de uns trinta anos. Após esse período ela foi doada novamente para a Matriz e, está na Casa Paroquial, tendo sido tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1962 como um bem móvel.

A partir da entrevista concedida pelo Monsenhor Antenor Salvino de Araújo é possível e interessante notar que os caicoenses na atualidade têm preferência por uma das imagens, que é a principal, a imagem primitiva e uma terceira de Sant'Ana em pé não são tão bem quistas pelo povo como a principal. Alguns fatores podem explicar essa escolha, primeiramente o fato de que essa imagem vem sendo a mais presente nos rituais desde 1823, condição que pode ter levado os caicoenses a acharem mais normal ver essa imagem na procissão e não as demais.

Essa escolha pode ainda ter relação com as dimensões e beleza da imagem principal, que se destaca das outras que são de menor tamanho; e principalmente o fato dessa imagem ser a representação de Sant'Ana e Maria

ainda menina com um livro no meio de ambas, representando para o fiel que a primeira instrui a segunda sobre os mistérios divinos, deixando claro a simbologia de Sant'Ana como mãe e mestra da Virgem Santa. Aqui pode haver um aspecto de atribuição de significados que podem ser muito importante para o povo.

O poder da imagem está relacionado a uma prática devocional que fora redefinida pelo culto católico durante a Contra reforma. O culto a imagens sagradas pelos fiéis católicos fora determinado no Concílio de Trento⁷, em 1563 no qual a Invocação e Veneração às Relíquias de Santos e das Sagradas Imagens, bem como o uso das imagens, fora legitimado. Segundo esse documento os santos reinam juntamente a Cristo, rogam a Deus pelas pessoas, sendo útil e bom invocar a sua intercessão para alcançar, unicamente por Deus, os benefícios de Jesus Cristo. Desqualificou-se no século XVI a noção de que os católicos idolatravam os santos, uma resposta à proibição das religiões protestantes que cresciam na Europa e que condenavam a confecção e culto de imagens e de relíquias, desqualificando o poder, a utilidade e a proximidade desses instrumentos com o sagrado.

A existência de imagens de Cristo, da Virgem Maria e dos demais santos são permitidas e necessárias segundo a Igreja Católica, advertindo que não se deve crer que nelas haja divindade ou virtude para poder receber culto, e nem depositar confiança nas próprias imagens. As recomendações desse documento é que os cristãos honrem as imagens fazendo referência aos que estão sendo representados nela, transcendendo a imagem física para venerar aquele(a) que representa. Devendo adorar somente a Cristo.

Ainda segundo o Concílio de Trento, as imagens serviriam também para expressar as histórias sagradas e os modelos de conduta para os que entram em contato com ela, sendo um instrumento de inspiração e de instrução na fé segundo o desejo e recomendação da igreja. As imagens de santos espelhariam as graças de Deus consentidas a estes, servindo para que os fiéis tomem conhecimento dessas manifestações do sagrado e que possam louvar a

⁷ Para a leitura do documento do *Concílio de Trento*, deve-se acessar a seguinte página virtual: agnusdei.50webs.com/trento.htm.

Deus pelas graças concedidas aos santos e que esses são como um espelho do poder divino. A imagem, segundo Besaçon possui os seguintes poderes (2006, p. 41).

(...)A imagem é para os iletrados um meio de ensino porque eles não podem ter acesso às Escrituras. (...) Ora, a imagem edifica o fiel. Ela toca sua inteligência, sua memória e sua afetividade, sua *componctio*. Ela inflama a piedade. Orienta as paixões para a virtude. Persuade, instrui, comove e agrada.

Uma das preocupações expressada pelo Concílio de Trento é o cuidado com a confecção das imagens, não sendo permitido que elas sejam pintadas e adornadas com motivos e beleza escandalosa, ou seja, suas características deveriam primar pela confirmação da santificação que é remetida ao personagem, contando com expressões e adornos que se comuniquem perfeitamente com o imaginário religioso.

As imagens e a vida dos santos são permitidas pelo menos discursivamente pela igreja para servir de modelo aos fiéis. No caso específico de Sant'Ana, algumas categorias classificatórias atribuídas a ela são mais evidentes e cultuadas pelos devotos. Segundo a historiadora da arte Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, as metáforas comumente atribuídas a Sant'Ana são as de mãe educadora, de esposa santa, de guia e de mestra.

A imagem principal e preferida da maioria do povo da cidade, é a *Sant'Ana Mestra Ensinando a Virgem Menina*, os conhecimentos sagrados, representado principalmente pelo Livro da Doutrinação que foi assimilado pelos devotos como sendo as Sagradas Escrituras. Conforme os conhecimentos e as crenças do Frei Diogo do Rosário⁸, Sant'Ana conhecia e compreendia as Sagradas Escrituras de maneira natural, sem precisar de aprendizado. Representando a imagem de mãe educadora e da Sagrada Parentela, pelo resplendor no alto de sua cabeça, lembrando ao fiel o parentesco com Jesus Cristo e na formação da "*mais perfeita das filhas*".

A imagem é de madeira policromada, de grande dimensão, e como advertido no Concílio de Trento, a escultura conforma certas características

⁸ Para a leitura da obra do Frei Diogo do Rosário, deve-se acessar a seguinte página virtual: <http://archive.org/stream/flossanctorumhis00rosa#page/n9/mode/2up>.

que são atribuídas a santa e tomadas como a única via de compreensão, a imagem de uma mulher piedosa, que valoriza a instrução sagrada e a vida em família, transmitindo uma carga dramática expressada principalmente pelos olhos serenos.

Sant'Ana é bastante louvada no Brasil e seu poder é fortalecido pela crença de que por ser avó natural de Cristo ela possui o privilégio de pedir por modo de império e não de rogo e súplica conforme afirma o texto do Frei Diogo do Rosário. Apreço justificado ainda pela crença de que ela é protetora das famílias e principalmente das mães de cada lar, condição que permite a introdução de suas imagens de pequeno porte em espaços domésticos de todo o Brasil, além de ser a patrona de diferentes ofícios como dos carpinteiros, marceneiros, mineradores, ourives, costureiras entre outras profissões; um dos fatos que permitiu a difusão do culto a Sant'Ana em diversos locais como afirma OLIVEIRA (2001, p.10). Não por acaso esses são alguns dos temas principais das festas de Sant'Ana em Caicó noticiadas nos periódicos da *Tribuna do Norte* que iremos tratar mais a frente.

Ao longo da realização do projeto de pesquisa “Visualidade e religiosidade: o sagrado e os sistemas visuais nas religiões potiguares” orientado pelo professor Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, foi realizada uma entrevista com o Monsenhor Antenor Salvino de Araújo que começou a ser pároco da matriz de Caicó no ano de 1960.

Sobre a imagem principal de Sant'Ana que a bastante tempo vem sendo objeto de culto, ele informou que não existe na paróquia informações oficiais sobre o ano de sua chegada, quem a comprou ou a doou. O que existe são hipóteses sobre o histórico das mesmas, alguns dizem que veio de Portugal, outros da Bahia, ainda há os que acreditam que veio de Pernambuco e que quem foi o responsável por trazer a imagem foi o Padre Guerra vindo do Rio de Janeiro.

Essa última hipótese é descartada pelo Monsenhor, pois ele acredita que quando o padre começou a atuar na paróquia a imagem já existia. Ele prefere acreditar que ela foi trazida da Europa e que já existia há bastante tempo.

O padre afirma ainda que gosta de imagens grandes, diz que Sant'Ana é a rainha de todos, de todas as imagens do Seridó, é a imagem mais bonita que ele viu e é a dona do Seridó. Caracteriza a persuasão que a imagem da santa provoca nos fieis da seguinte maneira.

A imagem parece que envivece, parece que fala na procissão, e quando ela está no patamar da igreja para receber os aplausos, para ela sair, parece que está escutando tudo e dando a resposta a cada um. A imagem de Sant'Ana é um verdadeiro encanto.

Monsenhor Antenor Salvino de Araújo.

Ao longo deste artigo comentamos que a imagem principal de Sant'Ana é geralmente a preferida pelos devotos, sendo a primitiva substituída pela atual e terminando exposta na casa paroquial. Com base na fala do Monsenhor é perceptível que há uma certa disputa pela imagem preferida em Caicó, comentando e exaltando a imagem de Sant'Ana principal, tecendo poucos comentários sobre a segunda escultura e só fazendo referência a ela no momento de comentar algum fato ou informação do passado.

O mesmo zelo com a imagem principal de Sant'Ana não ocorre com as imagens de outros santos presentes nas igrejas da cidade, como ocorre com a Nossa Senhora do Rosário. Segundo relato do Monsenhor essa imagem não o encanta como a de Sant'Ana. Na entrevista ele fez críticas ao modelo, comenta que a santa tem muitos panos nos joelhos e essa condição o faz não gostar tanto da imagem. Elogiando apenas a da Imaculada Conceição e do Dom Bosco.

O Monsenhor revela ainda que há certo misticismo com as imagens por partes dos párocos do Seridó, demonstrando que hoje eles têm até medo de tocá-las e muito menos pretendem vender qualquer uma delas. Esse modo de tratar as imagens segundo o relato do próprio padre veio se tornando realidade com o tempo, informa que foi principalmente na época do governo de Aluízio Alves, quando houve um incentivo para restaurá-las, ocorreu um "movimento" de maior zelo. Antes disso era normal encontrar imagens escorando portas de sacristias, descuidadas e não recebendo atenção dos sacerdotes.

No tópico a seguir, iremos tratar de particularidades desta festa a partir de periódicos do jornal *Tribuna do Norte*, ao longo da década de 1980, um dos principais jornais da cidade e que retratou a festa de Sant'Ana para os natalenses, contribuindo na construção de um saber que comportou apenas uma via de compreensão sobre o evento em questão.

A festa de Sant'Ana a partir de relatos jornalísticos.

A festa de Sant'Ana de Caicó vem sendo a bastante tempo noticiada nos principais jornais do estado. Neste momento do trabalho, irei comentar as programações, os acontecimentos que mereceram destaque nas reportagens que circularam pela cidade de Natal.

A festa vem sendo descrita como uma celebração que sempre foi um marco cultural no interior potiguar, grandiosidade capaz de atrair pessoas em busca de expressar sua fé e também de comerciantes para a cidade nos dias de festa. No Dossiê elaborado pelos representantes do IPHAN há a informação de que os atrativos para os que iam, no passado, em busca de divertimentos após as novenas encontravam um misto de opções como a queima de fogos, os espetáculos teatrais, de comédias, de mágicas; danças de corda, apresentação de poetas e cantadores populares.

Os dias de homenagem a Sant'Ana era um período que transformava a vida da freguesia e das regiões adjacentes, os comerciantes renovavam seus estoques e vendiam seus produtos até mais tarde para atender a clientela, as famílias se organizavam para apresentar-se elegantemente em sociedade, comprando roupas no comércio local e os mais favorecidos economicamente adquiriam as roupas de suas famílias no comércio de Recife, ocasião para demonstrar posições sociais e de firmar e reafirmar laços de amizade e de parentescos.

Era um momento de aproveitar os divertimentos que eram oferecidos próximos a paróquia e a própria imagem da cidade sofria uma transformação motivada pela iluminação especial, reforço da limpeza de ruas de novas pinturas das edificações da cidade para aquela ocasião. A festa de Sant'Ana

historicamente vem possibilitando a vivência de diferentes relações sejam sociais, estéticas, educativas e culturais.

Nos jornais da *Tribuna do Norte* que circularam na cidade de Natal, temos na década em estudo, os anos de 1980, uma considerável quantidade de reportagens sobre os acontecimentos em Caicó. De um modo geral a cada ano no mês de julho é pauta tradicional as informações sobre essa festa, sempre ficando a cargo de jornalistas que foram para o interior do Estado, participaram da festa e publicaram as suas impressões.

Com título “*Festa de Sant’Ana começa hoje com procissão, e baile no ACC*”, publicada no dia 24/07/1980, noticiou-se aos natalenses que uma das maiores festas religiosas do Nordeste iria começar com uma passeata dos devotos pelas principais ruas da cidade, complementada pelo hasteamento da bandeira, abertura e benção do Santíssimo Sacramento, na catedral. O tema da festa naquele ano foi a família, a eucaristia, o papa e o migrante; temas essenciais para a Igreja Católica na região englobando ainda, um grupo que vem sendo bastante reverenciado por sua presença nos principais momentos da festa que são os caicoenses que vem de fora da cidade, seja da zona rural ou os filhos ausentes, chamados de migrantes da festa.

Lendo a reportagem o leitor toma conhecimento que a Festa de Sant’Ana de Caicó é como um centro que atrai fiéis de várias regiões e de profissionais dos mais diversos setores da política, da economia, da segurança, da justiça e artistas da região. O leitor é informado de que todas as noites são dedicadas a uma novena organizada e patrocinada por cada um dos grupos sociais que participam da festa.

A primeira noite de novena era dedicada à família e contou com o patrocínio e organização de representantes da política local, notadamente naquele momento, pelo prefeito Irami Araújo, pelo vice-prefeito Basílio Ginane e vereadores.

No dia de Sant’Ana, ocorreu uma novena que foi patrocinada pelos estudantes, pelo Clube das Mães do Departamento Diocesano de Ação Social, pelos devotos ausentes, enfermos, enfermeiros, médicos e farmacêuticos. Na

terceira noite de novena os patrocinadores são os militares do 31º Infantaria, Companhia da Polícia Militar, funcionários federais, estaduais e municipais; bancários e carteiros.

A quarta novena era dedicada aos artistas e patrocinada pelos artesãos, ferreiros, carpinteiros, bordadeiras, poetas, cantores, escultores, desportistas entre outros. A quinta noite foi em homenagem aos industriais e comerciantes, patrocinada por fazendeiros, agricultores, vaqueiros, colonos entre outros.

A sexta novena foi dedicada aos representantes da educação pública local, participaram professores, estudantes e servidores da rede de ensino. A sétima noite foi patrocinadas pelos motoristas, e a última novena foi dedicada aos peregrinos.

Podemos perceber pela programação das novenas naquele ano que vários setores sociais estão sendo representado e participam do evento, formando uma festa que não é feita apenas pelos sacerdotes e a comunidade local, ela atrai pessoas que vem de regiões próximas e das zonas rurais do município.

A programação da festa é completada pelas sociais, que são organizadas e patrocinadas pela igreja. A Feirinha é uma das principais atrações profanas, formada pela mistura de diferentes produtos da culinária, do artesanato, da cerâmica, de livros, de jornais e arte na região; como dizem em Caicó segundo a reportagem *“Na Feira de Sant’Ana caicoenses se encontram”* diz que *“Lá na Feira de Sant’Ana, nada falta e tudo tem”*.

As comidas que são vendidas nesse evento são feitas por senhoras e suas famílias, as quais recebem da igreja a matéria prima que é doada pelos comerciantes locais, e ajudam na arrecadação fazendo toda sorte de alimentos característicos da região. O dinheiro arrecado é entregue para a igreja; para que o povo possa aproveitar a ocasião, é decretado feriado municipal. Assim informavam as colunas sociais da TRIBUNA DO NORTE (1986, Caderno de julho):

A festa começa com a chegada da Banda de Música, a furiosa, como é carinhosamente chamada. Depois do posicionamento dos músicos no

palanque principal, o Padre Antenor Salvino de Araújo, vigário da paróquia dá a bênção. Aí começa a feira, barracas se enchem, copos são erguidos em brinde, abraços se seguem e a alegria se espalha por toda a praça, sob um sol forte e diante de um colorido de encher os olhos dos visitantes que são muitos nessa época do ano.

Parte das reportagens na década de 1980 estão situadas nas colunas sociais. Os colunistas reafirmam sempre algumas ideias principais, como a atração que o festejo causa no povo da cidade, sentimento que alarga-se pela população dos demais municípios do Estado, e no país como um todo. Nos dias de festa segundo os colunistas, a cidade fica cheia de gente, tanto dos caicoenses residentes na cidade, e que jamais perdem a festa, quanto os filhos ausentes e as pessoas de outras regiões que vem conhecer a cidade e aproveitar o mês de Sant'Ana. Os hotéis do menor ao maior estão sempre lotados.

Grande parte das reportagens não são assinadas pelos colunistas, condição que torna aparentemente impossível identificar seus autores, assim, podemos considerar que a coluna social sobre a festa faz parte da maneira como o jornal interpretava essa manifestação cultural, independente da opinião de um colunista em particular, sendo um padrão de caracterização do evento.

A hospitalidade, depois da religiosidade desse povo é a principal característica que os repórteres identificam nos caicoenses, sempre evidenciando que preparam suas casas para receber a familiares e amigos, e que todos os dias de festa suas casas estão repletas de comidas e bebidas para o divertimento dos moradores e dos convidados. Como resume o jornalista em reportagem intitulada "*Sant'Ana de Caicó*" "(...) *todos os visitantes tiveram conforto, porque o caicoense é bom de coração e gosta de receber dispensando as maiores gentilezas*" TRIBUNA DO NORTE (1986, Caderno de julho).

Como afirma o colunista no trecho da reportagem "*Termina a Festa de Sant'Ana: Caicó*", que reproduzo na citação abaixo. TRIBUNA DO NORTE (1980, Caderno de julho).

(...) Quase duas semanas de movimentação religiosa e social. Ninguém viu crise. Dinheiro abundou. Todos brincaram, se divertiram, cada um na sua posição social. Verdadeiro conagraçamento.

Hoje é dia da Grande Procissão. Procissão é um Cortejo Sagrado: é uma expressão de fé para um povo que sabe honrar sua Padroeira.

Esta citação expressa muito bem alguns dos principais pontos dos discursos jornalísticos sobre o nosso objeto de estudo, primeiramente toma a festa como um grandioso evento social em suas mais diferentes esferas, conforme esses relatos a festa ocorre de uma maneira unicamente tranquila onde a diversão e a satisfação têm lugar garantido, não havendo crises em duas semanas de festa. Como nas palavras do jornalista é um “*Verdadeiro conagraçamento*” de todo o povo da cidade e de seus visitantes.

É interessante notar que para os jornalistas não há nenhum problema que na festa sejam oferecidos alguns divertimentos para indivíduos com melhor poder aquisitivo, tornando praticamente impossível a participação de caicoenses que não desfrutam dos mesmos privilégios econômicos. O exemplo mais claro e conhecido é o Baile dos Coroas, tradicionalmente reservado para os líderes políticos do Estado, profissionais conhecidos e respeitados na região, aparecendo sempre nos jornais os exemplos de médicos, advogados, comerciantes e suas famílias.

Ocasões em que a profissão, o nome de família, os círculos de amigos e parentes, os trajés, o modo de portar-se são os principais componentes de distinção e de fama do baile e dos que o frequentam todos os anos. A mesma distinção ocorre no Jantar de Sant’Ana organizada pela igreja. Para participar desse evento o grupo composto por parentes ou amigos precisa reservar uma mesa mediante o pagamento de aluguel, condição que acaba funcionando como uma barreira à entrada de pessoas que não podem pagá-la.

No dossiê elaborado por funcionários do IPHAN, informa-se que essas distinções sociais em determinados eventos da festa é algo que vem ocorrendo ao longo de vários anos de existência da mesma. Antes de 1950 havia bailes para diferentes grupos, como o Baile das Debutantes que atraíam moças de famílias abastadas de Caicó e de cidades vizinhas, caracterizado por um colunista do jornal como uma festa bonita, com salão decorado com flores naturais vindas de Natal, e animada por um conjunto musical e sorteio de presentes.

Para atender ao público não elitizado, além das festas públicas, era organizado a cada ano o Baile dos Morenos, frequentado por aquelas pessoas interessados em participar das festas sociais, mas que não tinham condições de freqüentar os bailes mais famosos. Atualmente o baile destinado para os menos favorecidos economicamente é o ASSEC.

Entre as principais opções de divertimento para quem participa da festa figuram os parques de diversões, que vem há bastante tempo sendo atração; os passeios nas pracinhas, muito conhecidos na região; os leilões, picnics, bazares, jogos, bares, restaurantes e açudes. É também durante a festa que casais escolhem para unirem-se em matrimônio e empresas aproveitam para lançar novidades.

A festa de Sant'Ana é uma ocasião em que certas regras sociais e cuidados com o tipo de comportamento é bastante evidenciado, sendo requerido pelos integrantes da Igreja Católica e pela própria sociedade local, o respeito a modos de se portar adequadamente em sociedade. Em uma das reportagens, "*Sant'Ana de Caicó*", o colunista expressa sua preocupação e posição de conservação de um comportamento requintado, educado e civilizado que atribui aos participantes da festa, por isso o comentário negativo sobre uma apresentação em um dos grandes eventos da cidade, sobre a festa oferecida pelo Atlético Clube Corinthians, o colunista dizia o seguinte. TRIBUNA DO NORTE (1986, Caderno de julho).

O ACC foi cedido para o show do Bolinha e suas Boletes, artistas, etc. Coisa de baixo calão, baixaria mesmo. O presidente João Bosco, irritadíssimo, foi falar com o contratante e este sumiu imediatamente. Logo em seguida eles terminaram o show. Caicó é uma cidade civilizada e habituada a assistir shows de primeira grandeza.

E ainda é noticiada a preocupação do caicoense em bem receber seus visitantes, o colunista do jornal na reportagem "*Caicó em festa*" TRIBUNA DO NORTE (1988, Caderno de julho). Diz que "*Todos os anos, nessa época, as residências são todas limpas, se preparam mesmo os habitantes para mostrar suas casas limpas e bem arrumadas, mais do que já são*".

A participação de políticos de Caicó e os principais representantes do Estado na festa de Sant'Ana se dá de diferentes formas, podendo ser o

patrocínio de uma novena, a presença na abertura e encerramento da festa juntamente com os sacerdotes da igreja, ou nas programações sociais, principalmente no Baile dos Coroas. Nas reportagens, nomes de políticos como Wilma de Farias, Lavoisier Maia, Geraldo Melo, José Agripino, Carlos Eduardo Alves, Robinson Farias e Henrique Eduardo Alves são citados.

O correspondente em Caicó do citado jornal, informa que a participação política não ocorre apenas na presença de certos políticos em algumas ocasiões da festa, de forma a se integrar e colaborar ainda mais com o evento. O poder público a partir da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social, com representantes do Governo do Estado, prefeitos, secretários, presidentes de associações municipais, presidente da Câmara Municipal promoveram a Feira do Artesanato, da qual, naquele ano participaram da mesma 120 artesãos, oriundos de vários municípios do Estado do RN. Informações presentes nas reportagens “*Feira em Caicó mostra trabalhos de artesãos*” e “*Caicó está em festa*” TRIBUNA DO NORTE (1987, Caderno de julho).

A parceria entre o poder público e políticos na festa de uma instituição religiosa é uma questão bastante importante, pois, o primeiro traz para a festa maiores recursos e notoriedade pela presença cativa de autoridades bastante conhecidas do povo de Caicó e dos visitantes. E em compensação, como a festa é bastante noticiada e conta com a participação de muitas pessoas, essa é uma ocasião propícia para que os políticos sejam notados e que as ações do poder público sejam reconhecidas como participativas e colaboradoras nas tradições e nas principais manifestações culturais da região. E essa parceria acaba por fortalecer tanto a festa de uma igreja e também aos políticos e o poder público que precisam do apoio popular.

Para que fique mais claro como essa associação é importante, em reportagens do jornal da *Tribuna do Norte* no ano de 1996, na reportagem intitulada “*Garibaldi chega a Caicó afirmando ser um peregrino da Festa de Santana*” (1996, Caderno de julho). Garibaldi Alves afirmou que ganhou a eleição para governador do estado em 1994, pela maioria de votos que recebeu na região do Seridó. O próprio político em reportagens do citado jornal,

se declarava devoto da santa e todos os anos aparecia visitando no mês de julho as cidades que tinham Sant'Ana como padroeira.

Frisa-se aqui que provavelmente este não pode ser tomado como o único motivo para sua vitória na eleição, mas, o fato de um político sempre fazer questão de participar e prestigiar uma ocasião bastante festejada e valorizada pelos devotos de Sant'Ana em cada município, tem-se pelo menos o registro de uma ação política com um peso considerável na escolha do voto desses eleitores.

Com o crescimento da festa é normal que ela acabe atraindo pessoas que têm objetivos não apenas de homenagear a santa, mas, de aproveitar a ocasião de intensa circulação de pessoas para trabalhar. É o caso dos vendedores ambulantes, que vão todos os anos com o objetivo de vender suas mercadorias, sendo uma festa boa aquele ano que eles conseguem vender bastante e uma festa ruim quando os produtos quase não foram vendidos.

Para os políticos que sabem que ocasiões como essas são bastante importantes para entrar em contato com o povo e estabelecer parcerias. O mesmo acontece com os artesãos que participam da feira principalmente para poderem vender seus produtos, para eles foram criados dois eventos especiais, a Feirinha de Sant'Ana e a Feira do Artesanato do Seridó. É na festa que muitos comerciantes locais aproveitam para fazer inaugurações e lançarem novos produtos.

Esta é uma realidade da atual festa de Sant'Ana, cada vez mais o lado sagrado da festa vem sendo acompanhado do lado profano. A própria igreja reconhece esse fato, e ao invés de ser contra, a solução encontrada foi justamente o contrário, a parte social é permitida e para que a igreja possa acompanhar de perto a realidade atual da festa de Sant'Ana. Foram criadas diferentes comissões⁹ que cuidam tanto dos momentos religiosos como coordenam os eventos sociais.

⁹ O quadro com os integrantes das comissões na festa estão relacionados na obra, Dossiê: Festa de Sant'Ana". IPHAN, 2001, p. 41.

Reconhecem que o lado profano da festa é um dos grandes responsáveis pelo sucesso de todos os anos, e seria um erro tentar proibir que ela tenha essas características. A própria igreja vem promovendo a profissionalização da festa, e criou em 2008 o Café com a imprensa, para divulgá-la em diferentes meios inclusive o eletrônico para buscar novos colaboradores. Visibilidade que a transformação do festejo em patrimônio nacional imaterial vem fortalecer.

Tomando o cuidado para não perder de vista, a função primitiva da festa que é a celebração por parte do povo das graças e proteções alcançadas por interseção de sua santa de devoção. Pelo menos discursivamente é assim que a igreja apresenta esta questão.

Na década de 1980 nas reportagens impressas e distribuídas em Natal pela Tribuna do Norte, o discurso sobre a festa de Sant'Ana seguiu o caminho de compreensão a partir de alguns conceitos chaves, que são a forte devoção dos caicoenses e grandiosidade da festa nos seus eventos sagrados e profanos, retomando a cada reportagem que a festa é um verdadeiro evento cultural em que os caicoenses mostram suas raízes e é um encontro e celebração entre todos.

Nas pesquisas realizadas ao arquivo da *Tribuna do Norte*, pude observar nos cadernos no período em questão, como algumas das principais festas do Rio Grande do Norte foram mostradas para os leitores natalense. Além da festa que tratamos nesse artigo, sempre foi noticiada a festa de Nossa Senhora da Apresentação e dos Santos Reis, descritas como grandes momentos de celebração, mas, não com a dimensão para a cidade como é a de Sant'na para Caicó.

São eventos consolidados no calendário religioso de Natal só que são mais limitados aos bairros onde as paróquias estão situadas, com exceção da padroeira da capital. Sobre a festa dos Santos Reis a reportagem, "*Inflação leva declínio à Festa de Santos Reis*", TRIBUNA DO NORTE (1990, Caderno de janeiro). Informava que a mesma passava por um processo de decadência, motivada por uma diminuição na programação e pela pequena atração de fieis

e de comerciantes de fora do bairro dos Santos Reis, envolvendo ainda, questões econômicas e políticas.

Em se tratando de religiões não católicas as notícias sobre os seus ritos e modo de festejar são praticamente inexistentes. Foi importante notar que algumas dessas religiões são citadas não nos cadernos de festividade religiosa, mas no de casos policiais. Como evidenciam alguns títulos de reportagens: “*Macumbeiros foram autores do latrocínio da Av. 20*”; “*Terreiro de macumba denunciado à polícia*”, “*Balorixá preso por perturbar seus vizinhos*” e “*Umbandista mata a faca invasor de residência*” publicadas entre as décadas de 1960 à 1980.

Como estamos tratando do estabelecimento de certas imagens e padrões de compreensão a partir de discursos jornalísticos, acho oportuno neste momento refletir sobre essa questão a partir das reflexões propostas por Paul Ricoeur, sobre a fala e a escrita, no livro *Teoria da Interpretação*. Primeiramente precisamos entender que o discurso não fixa o evento sobre o qual se está falando, neste caso, a festa e a devoção, a qual acontecem e desaparecem, não tem como serem fixados. O discurso fixa o “dito” da fala do jornalista, quer dizer, a exteriorização que é intencional e construída pela relação do evento que ele presenciou e a significação que atribui.

A escrita é pensada por Ricoeur como pensamento humano materializado em formas gráficas, a relação passa a ser de escrita – leitura. E essa tem algumas implicações importantes, o texto é formado por duas características principais, sua autonomia semântica, porque ele é escrito em um suporte material, pelo uso do alfabeto, o léxico e a gramática, que são os sinais gramáticos que o exprimem. É essa inscrição material que fica registrada para o leitor, complementada pelo discurso do autor, suas intenções e seu imaginário. Como o autor informa, o texto é um discurso inscrito e trabalhado, é produto de um artesanato.

Com a disseminação dos textos ocorreu uma universalização do público, porque não é mais necessário o contato face a face daquele que diz com aquele que escuta, condição essencial do discurso falado. No entanto, mesmo com a universalização do público, que é muito maior do que o encontro face a

face, não são todos os indivíduos que conseguem ou se interessam por fazer parte deste par escrita – leitura.

Em nosso caso específico, não podemos considerar que todos os natalenses tiveram a oportunidade de ler os discursos sobre a festa de Sant’Ana ali presentes, e nem os compreenderam da mesma forma. Eles atingiram um grupo acostumado a comprar e ler jornal e que se interessavam pelo tema festas religiosas.

Por isso devemos atentar para a consideração de que não necessariamente todos leram e compreenderam a festa a partir unicamente dos relatos da *Tribuna do Norte*, podendo haver o desconhecimento de alguns sobre essas práticas religiosas ou a conheceram por outros meios que não o periódico. A leitura está sujeita a mecanismos sociais de exclusão e de admissões, não sendo por isso interessante pensar que todos na cidade compreendem esta questão de forma homogênea a partir apenas das opiniões de um canal de informação. Mesmo assim, devemos reconhecer que as reportagens desse jornal tiveram grande aceitação e circulação na cidade de Natal, e que suas informações podem ter influenciado os conhecimentos e o imaginário da população sobre a festa, os caicoenses e Sant’Ana.

Como afirma Roccoeur, “A leitura é um fenômeno social e obedece a certos padrões e, por conseguinte, sofre as limitações específicas”. (1999, p. 43).

Devemos levar em consideração também o fator de que o grupo de leitores que se habituaram a adquirir e ler o jornal é formado por indivíduos diferentes, assim as reportagens sobre Sant’Ana estão sujeitas a interpretações diversas por parte do grupo de leitores.

Finalmente, a festa de Sant’Ana é um conjunto de referências que foram abertas pelos textos, porque não eram vivenciadas diretamente por muitos dos leitores do jornal. Tiveram acesso a notícias sobre ela, o que conheceram por meio dessas reportagens foram as referências apreendidas pelos relatos descritos da realidade produzido por outros, e não pelo que viveram no

presente ou no passado. Em se tratando daqueles que não tiveram a oportunidade de participar de alguma ocasião de festejo.

Conclusão.

Neste trabalho pensamos as reportagens da *Tribuna do Norte* na década de 1980 como um mecanismo que permitiu a disseminação e construção de informações e imaginários acerca de manifestações culturais diversas reunidas em um evento, a festa de Sant'Ana, que vem sendo considerada de extrema importância para a cidade de Caicó até o presente momento. Acreditamos que não por acaso, ideias como essas continuam sendo reforçadas pela imprensa.

Sempre referindo os caicoenses como um povo que rende uma grande homenagem a sua padroeira, que são extremamente devotos e crentes no poder mágico de sua santa, povo hospitaleiro que sabe festejar e acolher os de fora para celebrar sua grande festa.

No entanto, é preciso lembrar que as histórias de um povo, segundo nossa compreensão, não podem ser resumidas a uma única via de compreensão. Precisamos 'amolecer' esses discursos e ampliar o nosso campo de observação para que outras manifestações culturais possam ser vistas por nós, para que uma única expressão religiosa não seja suficiente para inibir impressões contrárias ou diferentes daquelas escritas e disseminadas pelas reportagens estudadas neste artigo.

E para que possamos pensar uma Caicó não unicamente vista e dita como cidade de Sant'Ana, mas formadas por relações sociais diversas, que provavelmente existem, só que ainda não são de nosso conhecimento. Essa consideração não implica na diminuição do festejo e importância de Sant'Ana, mas na possibilidade de que outras manifestações ganhem espaço e para o não enrijecimento e solidificações de práticas sociais, ao exemplo da própria festa de Sant'Ana que é resultado de mudanças e adequações ao presente acompanhadas de momentos de memórias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E FONTES

FONTES DOCUMENTAIS:

“*Macumbeiros foram autores do latrocínio da Av. 20*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 30/01/1963. Caderno 1, 2 e 3.

“*Terreiro de macumba denunciado à polícia*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 21/03/1965. Caderno 1, 2 e 3.

“*Balorixá preso por perturbar seus vizinhos*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 17/04/1980. Caderno de abril.

“*Festa de Sant’Ana começa hoje com procissão, e baile no ACC*”, Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 24/07/1980. Caderno de julho, p.13.

“*Termina a Festa de Sant’Ana: Caicó*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 03/08/1980. Caderno de agosto.

“*Umbandista mata a faca invasor de residência*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 12/03/1981. Caderno de março.

“*Sant’Ana de Caicó*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 26/07/1986. Caderno de julho.

“*Na feira de Sant’Ana caicoenses se encontram*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 28/07/1986. Caderno de julho.

Sant’Ana de Caicó. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 29/07/1986. Caderno de julho.

“*Caicó está em festa*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 24/07/1987. Caderno de julho.

“*Feira em Caicó mostra trabalhos de artesãos*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 31/07/1987. Caderno de julho.

“*Caicó em festa*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 19/07/1988. Caderno de julho.

“*Inflação leva declínio à Festa de Santos Reis*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 05/01/1990. Caderno de janeiro.

“*Garibaldi chega a Caicó afirmando ser um peregrino da Festa de Santana*”. Arquivo da TRIBUNA DO NORTE, 25/07/1996. Caderno de julho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BESANÇON, Alain. A arte e o cristianismo. In: **Imagem e conhecimento**. KERN, Maria Lúcia Bastos. EDUSP, 2006. P. 31 – 54.

Dantas, D. José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Garanhuns – PE, Gráfica do O Monitor, 1961.

Dossiê: Festa de Sant’Ana. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2010. IPHAN. P. 1 – 122.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine”. Caicó. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. Sant’Ana imaginária sacra brasileira. In: GUTIERREZ, Angela. **O livro de Sant’Ana**: coleção Angela Gutierrez e The Book of Saint Anne. Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001. P. 8 – 19.

RICOEUR, Paul. A fala e a escrita. In: **Teoria da interpretação**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. LATGRAF, 1999. P. 37 – 56.

SOUZA, Maria Beatriz de Mello. Iconografia das imagens de Sant’Ana. In: GUTIERREZ, Angela. **O livro de Sant’Ana**: coleção Angela Gutierrez e The Book of Saint Anne. Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001. P. 20 – 31.

A Diocese. Disponível em: < <http://www.diocesedecaico.com.br>> Acessado em 26/07/2012,.

Concílio Ecumênico de Trento Sessão XXV. Disponível em: < agnusdei.50webs.com/trento.htm> Acessado em 25/07/2012.

ROSÁRIO, Diogo. **Flos Sanctorum**. Disponível em <<http://archive.org/stream/flossanctorumhis00rosa#page/n9/mode/2up>> Acessado em: 26/07/2012.

Histórico da Paróquia de Sant’Ana. Disponível em: < <http://www.santanadecaico.com.br>> Acessado em: 25/07/2012.